

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Fabírcia de Fátima Silva

DESAFIOS NO 3º CICLO
Um estudo sobre as relações professor- aluno adolescente na
perspectiva do diálogo

Belo Horizonte

2012

Fabrcia de Fátima Silva

DESAFIOS NO 3º CICLO

Um estudo sobre as relações professor- aluno adolescente na perspectiva do diálogo

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Aprendizagem e Ensino na Educação Básica, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientadora: Maria Alice Moreira Lima

Belo Horizonte

2012

Fabrcia de Fátima Silva

DESAFIOS NO 3º CICLO

Um estudo sobre as relações professor- aluno adolescente na perspectiva do diálogo

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Aprendizado e Ensino na Educação Básica, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientadora: Maria Alice Moreira Lima

Aprovado em 14 de julho de 2012.

BANCA EXAMINADORA

Maria Alice Moreira Lima - Faculdade de Educação da UFMG

Libéria Neves – Faculdade de Educação da UFMG

RESUMO

As discussões acerca da relação –professor aluno adolescente constituem atualmente uma necessidade emergente. Tão emergente quanto essas discussões é a reflexão sobre a prática pedagógica e conhecer quem são os estudantes que se apresentam na escola.

Os tempos escolares, ou a falta deles, surgem como um problema na escola uma vez que impossibilitam que professores e alunos se conheçam e possam contribuir de forma mais afetiva no aprendizado e convivência de ambos. Neste trabalho poderemos adentrar um pouco neste universo escolar, observando como se constituem as relações interpessoais em seu interior, o que pensam estudantes e educadores sobre essas relações e como a promoção de espaços para comunicação pode contribuir para uma aproximação e significação do que se pretende e o que se faz na escola.

Palavras-chave: Relação professor-aluno, adolescência ,comunicação e diálogo

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	05
1.1 A questão	05
1.2 Justificativa.....	06
1.3. OBJETIVOS.....	07
1.3.1 Objetivos gerais	07
1.3.2 Objetivos específicos	07
2. DISCUSSÕES TEÓRICAS	08
2.1 Adolescência	08
2.2 Relação professor-aluno	13
2.3 Comunicação e diálogo.....	16
3. PROPOSTA DE INTEVENÇÃO	18
3.1 O que dizem os educadores	20
3.2 O que dizem os estudantes	21
3.3 Após os “dizeres”	22
4. A AÇÃO	23
5. CONCLUSÃO	26
6. REFERÊNCIAS	27
7. ANEXOS	29

1. INTRODUÇÃO

1.1 A questão

O presente trabalho traz uma discussão acerca das relações entre o professor e o aluno adolescente do 3º ciclo, baseada em abordagens e discussões realizadas com professores e alunos da Escola Municipal Eloy Heraldo Lima, 1º turno, localizada na regional Barreiro, bairro Jatobá IV, região periférica da cidade de Belo Horizonte.

O estudo desse tema destina-se a compreender de que forma ocorrem as relações entre o professor e o aluno do 3º ciclo, na perspectiva do comportamento e motivação de ambos. Visa descobrir como o professor caracteriza esse aluno, como se relaciona com ele e as maiores dificuldades que encontra para desenvolver seu trabalho com esse educando. Em contrapartida objetiva também investigar “quem” é o professor do 3º ciclo que consegue “atingir” esse público adolescente e tentar apontar formas de estabelecimento de um diálogo mais próximo entre eles.

A interação em qualquer ambiente e espaço surge da aceitação do outro onde a relação de respeito e o acolhimento facilita a convivência entre as pessoas. Na escola, o ambiente das relações interpessoais deve constituir a compreensão do indivíduo em suas diferenças, para que seja possível a convivência nos grupos. Sabe-se que a educação se dá num processo de interação constante e a escola é o espaço onde se processa um exercício contínuo que envolve a assimilação de conhecimentos, desenvolvimento de hábitos e atitudes de convívio, bem como a cooperação e o respeito.

Levando-se em consideração que a principal função da escola é ensinar, teríamos dessa maneira uma instituição social que visa dentre outros pontos, instituir relações de socialização, reforçando e estabelecendo novas crenças e valores além de reforçar algumas normas e condutas sociais.

Na constituição das relações interpessoais em qualquer organização social, é importante salientar que os conflitos entre gerações é fator presente. Na escola isso não é diferente. As relações são marcadas por posturas e comportamentos diferenciados, o que naturalmente gera posicionamentos e questionamentos distintos sobre as mesmas reflexões. Tratando-se especificamente de adolescentes, foco deste trabalho, essa relação é extremamente conflituosa e constitui uma das maiores dificuldades no interior das escolas.

1.2 Justificativa

Caracterizar o 3º ciclo não é tarefa fácil. As impressões apresentadas sobre estudantes e docentes que atuam neste ciclo são recentes e restringem-se às observações realizadas quando de atividades externas e nos “corredores” da escola. No entanto é possível observar que nem sempre as intervenções realizadas com esse público tem surtido efeito. É necessário verificar se a questão da adolescência é o grande desafio que envolve o 3º ciclo.

Percebe-se que na adolescência os estudantes demonstram um comportamento diferenciado das demais etapas de escolarização, apresentando-se mais agitados, mais indisciplinados, apresentam grande necessidade de chamar a atenção, as famílias comparecem menos à escola para conversar sobre eles (talvez por entenderem que eles já apresentam condições de caminharem sozinhos...) O fato é que notamos uma dificuldade em “falar a língua deles”. A comunicação torna-se mais difícil porque acreditamos que eles desconhecem ou ignoram qualquer tipo de hierarquia, o desempenho acadêmico diminui, e as relações ficam cada vez mais complicadas.

Pode ser também que tais observações correspondam a uma pequena representação de estudantes e educadores. No entanto é um assunto que deve ser abordado e discutido nos interiores das escolas. Ao tratar desse assunto, espera-se através da pesquisa, respostas para tais inquietações, no intuito de compreender e poder de alguma forma intervir neste “mundo à parte” da escola que é o 3º ciclo.

O desenvolvimento deste plano torna-se importante porque busca analisar questões rotineiras que tanto dificultam o cotidiano escolar. Pretende provocar discussões acerca do nosso comportamento enquanto docentes e do nosso educando. Quem são os professores do 3º ciclo? Quem são os estudantes do 3º ciclo?

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 Objetivo geral

- Criar um espaço de comunicação entre educadores e estudantes que visa estabelecer uma possibilidade de diálogo mais ampla, mais direta e aberta contribuindo para reflexões e discussões entre as partes.

1.3.2 Objetivos específicos

- Apresentar informações coletadas através de entrevistas e conversas informais com educadores e estudantes sobre as relações estabelecidas entre eles.
- Investigar sobre a fase da adolescência e suas manifestações no âmbito escolar.
- Promover a comunicação entre docentes e discentes de forma consentida, pautada nos estudos realizados sobre suas relações.
- Iniciar uma prática de diálogo de forma dirigida e organizada, possibilitando ao educador e educandos uma forma de manifestarem suas questões.
- Apresentar aos educadores o estudo realizado sobre a adolescência e suas implicações na escola e ainda o que dizem os estudantes sobre a escola e seus educadores. Ao mesmo tempo conceder aos educadores a oportunidade de também manifestarem o que pensam sobre o estudante adolescente.

2. DISCUSSÃO TEÓRICA

2.1 Adolescência

Um adolescente um pouco sem rumo, estranhando seu próprio comportamento, paradoxalmente desafiador e arrependido, pára você na rua e fala: "Estou só passando por uma fase agora. Todo o mundo passa por fases, não é?" Alguém talvez reconheça sua voz. É Holden, o herói do romance *O Apanhador no Campo de Centeio*, de J.D. Salinger.

Aproveitando-se da situação, atrás e ao lado dele se aglomeram pais e mães de adolescentes. Eles também perguntam: "Então, é assim? Vai passar? É só uma fase?"

Resposta de bolso, caso Holden e os pais o parem na rua: "Não. Não é apenas uma fase. Por isso, nada garante que passe".

Nossos adolescentes amam, estudam, brigam, trabalham. Batalham com seus corpos, que se esticam e se transformam. Lidam com as dificuldades de crescer no quadro complicado da família moderna. Como se diz hoje, eles se procuram e eventualmente se acham. Mas, além disso, eles precisam lutar com a adolescência, que é uma criatura um pouco monstruosa, sustentada pela imaginação de todos, adolescentes e pais. Um mito, inventado no começo do século 20, que vingou sobretudo depois da Segunda Guerra Mundial.

A adolescência é o prisma pelo qual os adultos olham os adolescentes e pelo qual os próprios adolescentes se contemplam. Ela é uma das formações culturais mais poderosas de nossa época.

Objeto de inveja e de medo, ela dá forma aos sonhos de liberdade ou de evasão dos adultos e, ao mesmo tempo, a seus pesadelos de violência e desordem.

Objeto de admiração e ojeriza, ela é um poderoso argumento de marketing e, ao mesmo tempo, uma fonte de desconfiança e repressão preventiva.

A Holden e aos pais pode-se responder, assim, que os jovens de hoje chegaram à adolescência numa época que alimenta uma espécie de culto desse tempo da vida. E caberia, então, tentar explicar como isso nos afeta a todos. (CALLIGARIS 2009)

Cada sociedade tem uma forma específica de conceber o período da adolescência. Em muitas, está relacionada a rituais de passagem, a partir dos quais o indivíduo deixa de ser criança e torna-se adulto. Em nossa sociedade,

os limites da adolescência são determinados por lei através do Estatuto da Criança e do Adolescente – lei federal nº 8.069, de 13 de julho de 1990. A referida lei considera adolescente o sujeito que tem entre 12 e 18 anos de idade – Art. 2º, Livro 1- Parte Geral, Título1- Das Disposições Preliminares, Art. 2º.

A definição de adolescência é atrelada à noção de puberdade. No Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, a definição de adolescência é a de “*fase do desenvolvimento humano caracterizada pela passagem à juventude e que começa após a puberdade*”. Ainda segundo Houaiss a palavra adolescência deriva do verbo latino *adolescere*, *que significa crescer, ou crescer até a maturidade*, implicando em mudanças de ordem social, fisiológica e psicológica.

Adolescência é a fase do desenvolvimento humano que marca a transição entre a infância e a idade adulta. Com isso essa fase caracteriza-se por alterações em diversos níveis - físico, mental e social - e representa para o indivíduo um processo de distanciamento de formas de comportamento e privilégios típicos da infância e de aquisição de características e competências que o capacitem a assumir os deveres e papéis sociais do adulto.

Durante a adolescência ocorrem significativas mudanças hormonais no corpo. Estes hormônios acabam influenciando diretamente no comportamento dos adolescentes. Nesta fase, os adolescentes podem variar muito e rapidamente em relação ao humor e comportamento. Agressividade, tristeza, felicidade, agitação, preguiça são comuns entre muitos adolescentes neste período. (BARROS,2009)

É comum observar na maioria dos adolescentes a necessidade de fazer parte de um grupo. As amizades são importantes e dão aos adolescentes a sensação de fazer parte de um grupo de interesses comuns. Normalmente eles buscam grupos de amigos que tenham os mesmos interesses, os mesmos gostos e desejos, a fim de uma identificação menos conflitante.(BARROS 2009).Nessa etapa da vida é comum tentar se afastar da família, pois essa já não lhes satisfaz em relação aos interesses sociais.

É nessa fase também que ocorre com grande significado a questão da “busca da identidade”(ZANOTTI 2006). No processo de desenvolvimento da identidade há o desejo do indivíduo de conhecer a si mesmo e a busca de dar forma a si, de construir sua personalidade, se aprimorar e se desenvolver .

A sociedade comumente utiliza os termos Adolescência, Puberdade e Juventude como sinônimos. Se basear-nos aos significados apresentados pelos dicionários encontraremos elementos para estabelecer tal diferenciação. Portanto pode ser necessária a contextualização de cada um desses termos para diferenciá-los de forma mais consisa.

O termo puberdade significa, segundo o dicionário Aurélio “*conjunto das transformações psicofisiológicas ligadas à maturação sexual que traduzem a*

passagem progressiva da infância à adolescência". O Dicionário Houaiss acrescenta ainda: *"período de transição entre a infância e a adolescência, no qual ocorre o desenvolvimento dos caracteres sexuais secundários e a aceleração do crescimento, levando ao início das funções reprodutivas, pubescência"*.

O termo juventude significa no Dicionário Aurélio *"mocidade, adolescência"*, enquanto no Dicionário Houaiss é o *"período da vida do ser humano compreendido entre a infância e o desenvolvimento pleno de seu organismo"*.

Os conceitos apresentados definem e esclarecem de forma satisfatória o uso desses termos, porém tais definições em determinado momento se sobrepõe e utilizam o termo jovem como sinônimo de adolescente. A definição de adolescente no Dicionário Aurélio é: *aquele "que está na adolescência", aquele "que está no começo, no início; que ainda não atingiu todo o vigor"*. No Dicionário Houaiss o termo adolescente é *"relativo, peculiar a ou em processo de adolescência, de amadurecimento; ao jovem que se encontra em processo de maturação; que está no início de um processo; que ainda não alcançou todo o seu vigor; (uma aspiração ainda a)"*.

Portanto podemos considerar a seguinte ordem de desenvolvimento: infância, puberdade, adolescência e juventude.

As abordagens sobre adolescência são inúmeras, mas para contribuição a esta pesquisa focaremos na forma como o adolescente estabelece suas relações sociais e seu comportamento. Para tal, apresentaremos parte dos estudos realizados por Piaget sobre a temática.

Piaget privilegia em sua teoria o desenvolvimento intelectual do adolescente. Ele considera os trabalhos publicados sobre a vida social e afetiva do adolescente excelentes, mas que poucos deles contemplavam o estudo do pensamento do adolescente (1976).

Nas considerações desse autor há uma especificidade na definição do conceito de adolescência. Para Piaget (1976), o critério da adolescência não deve ser pautado na puberdade, não se deve reduzi-la às manifestações da puberdade (como observado nas teorias biológicas), e sim na integração do adolescente na sociedade dos adultos. *"Essa transição social fundamental será o fato essencial"* (PIAGET, 1976, p. 250). Portanto, não é contemplada em sua teoria a relação entre desenvolvimento da inteligência e transformações da puberdade.

Piaget (1976) enuncia dois fatores que caracterizam a adolescência: o primeiro, as *"transformações do pensamento"* e o segundo a *"integração na sociedade adulta"*.

Quanto ao primeiro fator, as *"transformações do pensamento"* são construídas ao longo do desenvolvimento do indivíduo em sua interação com o meio ambiente, a partir dos processos de assimilação e de acomodação. A assimilação faz a realidade adaptar-se aos desequilíbrios do organismo e a acomodação leva o organismo a adaptar-se, para sobreviver. (ZANOTTI 2006)

O segundo fator, a “integração na sociedade adulta”, como diz o autor, “inclui um reestruturação total da personalidade, na qual o aspecto intelectual acompanha ou complementa o aspecto afetivo” (PIAGET, 1976, p. 250).

Para Piaget, o pensamento do adolescente se diferencia do pensamento da criança, na medida em que o adolescente, entre os onze e doze anos de idade e devido à maturação do sistema nervoso, faz uso na sociedade da lógica formal. As estruturas formais são “formas de equilíbrio que se impõem pouco a pouco ao sistema de intercâmbios entre os indivíduos e o meio físico, e ao dos intercâmbios entre os indivíduos” (PIAGET, 1976, p. 252). Portanto, Piaget considera o pensamento formal – último estágio do desenvolvimento da inteligência – como o instrumento indispensável de adaptação ao mundo social adulto, que é o acontecimento central do pensamento característico dessa fase.

O pensamento formal pode ser resumido em “representação de ações possíveis” e a “construção de sistemas e teorias”. A “representação de ações possíveis” é, ao mesmo tempo, uma reflexão da inteligência sobre si mesma e uma inversão das relações entre o possível e o real. Essa reflexão permite um deslocamento do concreto atual, do presente (que caracteriza o pensamento da criança), para o abstrato e o possível, que fornecem ao adolescente a capacidade de construir teorias (PIAGET, 1976). O adolescente é autoreflexivo, procura sistematizar suas idéias em um “pensamento em segunda potência ou pensamento sobre o próprio pensamento” [que é] “indispensável para a construção de qualquer teoria” (ibid, p. 253).

Quanto ao segundo fator, a “integração na sociedade adulta” pelo adolescente, Piaget considera ainda dois outros aspectos: “igualdade” e “reciprocidade”. Esses aspectos ocorrem na medida em que o adolescente começa a considerar-se igual aos adultos. O pensamento adolescente é pautado em uma operação no presente, mas é voltado para o futuro e inserido na sociedade. Por isso, o adolescente se propõe a reformar a sociedade em algum domínio específico ou em sua totalidade.

... a integração de um indivíduo na sociedade adulta não poderia, realmente realizar-se sem conflito, e enquanto a criança procura a solução dos conflitos nas suas compensações atuais (lúdicas ou reais), o adolescente acrescenta a essas compensações limitadas, a compensação mais geral que é a de uma vontade de reformas, ou até um plano para executá-las. (PIAGET, 1976, P.252)

O adolescente anseia entrar no mundo social dos adultos e, para isso, não lhe basta mais nem o que seu ambiente lhe oferece, nem a utilização de sua inteligência para solucionar os problemas em compensações atuais, sejam elas soluções lúdicas ou mesmo reais (ibid.).

No período da adolescência o pensamento adquire tamanha importância para Piaget que ele considera a existência de uma espécie de “egocentrismo do pensamento”: o adolescente atribui um poder ilimitado ao seu pensamento,

“ele pensa em um futuro glorioso e em transformar o mundo a partir de suas ideias”.(ZANOTTI 2006)

É importante marcar que Piaget considera as aquisições intelectuais do adolescente como paralelas às suas aquisições afetivas. Nesse sentido, duas transformações fundamentais são exigidas para a ocorrência de sua “integração na sociedade adulta”: a primeira diz respeito aos “sentimentos relativos a ideais, que se acrescentam aos sentimentos entre as pessoas”, e a segunda é relativa a “formação de personalidades, caracterizadas pelo papel social e a escala de valores que atribuem (e não mais apenas pela coordenação dos intercâmbios que mantém com o meio físico e as outras pessoas)” (PIAGET, p. 258).

É possível encontrar nas palavras de Piaget (1976) uma síntese do fator integração na sociedade adulta: “Dizer que a adolescência é a idade da integração no universo social adulto é, portanto, sustentar que é a idade da formação da personalidade, pois essa integração é sob outro aspecto, necessariamente complementar, a construção de uma personalidade” (ibid, p. 260).

Portanto, Piaget considera que é o projeto de vida do adolescente de “integração na vida adulta” que o leva a um projeto de reformar a sociedade, como característica da conduta do adolescente e o motor afetivo da formação de sua personalidade.

2.2 Relação professor-aluno

As relações humanas, embora complexas, são determinantes no comportamento e formação de um indivíduo. Sendo assim, a análise dos relacionamentos entre professores e alunos envolve diferentes interesses e abordagens uma vez que a educação é o caminho que possibilita a formação desses indivíduos em suas mais diversificadas dimensões.

Sabe-se que o trabalho do professor em sala de aula, seu relacionamento com os estudantes é expresso pela relação que ele estabelece com a sociedade e com a cultura dessa sociedade. Segundo FREIRE (1996: 52),

o bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma cantiga de ninar. Seus alunos cansam, não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas”.

Ainda segundo o autor,

o professor autoritário, o professor licencioso, o professor competente, sério, o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso da vida e das gentes, o professor mal-amado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum deles passa pelos alunos sem deixar sua marca”. (FREIRE,1996:39)

Apesar da importância da existência de afetividade, confiança, empatia e respeito entre professores e alunos para que se desenvolva diferentes aspectos da aprendizagem, os educadores não podem permitir que tais sentimentos interfiram no cumprimento ético de seu dever de professor. Logo, a relação entre professor e aluno depende, fundamentalmente, do clima estabelecido pelo professor, da relação empática com seus alunos, de sua capacidade de ouvir, refletir e discutir o nível de compreensão dos mesmos e do elo entre o seu conhecimento e o deles.

Vygotsky (1991) atribuía um relevante papel às relações sociais para a criação da cultura. Seus estudos decorrem da compreensão do homem como um ser que se forma em contato com a sociedade, assim, a formação do mesmo se efetivaria em uma relação dialética entre o sujeito e a sociedade ao seu redor, em que o homem modificaria o ambiente tanto quanto o ambiente modificaria o homem. A interação que cada pessoa estabelece com determinado ambiente efetivaria a chamada “experiência pessoalmente significativa”. De acordo com tal abordagem teórica, as funções psicológicas elementares, as quais se caracterizam, por exemplo, pelo reflexo, se diferenciariam das funções psicológicas superiores, como por exemplo, a consciência e o discernimento. Os processos psicológicos mais complexos ou as funções psicológicas superiores diferenciariam, portanto, os seres humanos dos outros animais.

Outro conceito relevante é o da mediação, processo que caracteriza a relação do homem com o mundo e com os outros homens. É neste processo que as funções tipicamente humanas se desenvolvem. Vygotsky atribuiu significativa importância ao papel do professor, uma vez que esse atuaria como

impulsionador do desenvolvimento psíquico de seus alunos, realizando uma intervenção pedagógica que provocaria avanços. Desse modo, o estudante também precisa participar ativamente de seu próprio aprendizado, pesquisando, experienciando, trabalhando em grupo. Tais atitudes resultam em estimulação aos desafios, desenvolvimento de raciocínio e constante busca pelo conhecimento, uma vez que esses últimos não estão prontos, mas devem ser trabalhados e vivenciados pelo estudante. O sujeito é interativo, pois adquire conhecimentos a partir das relações interpessoais de troca com o meio. O desenvolvimento dos estudantes através da aprendizagem dar-se-á através da mediação.

Quando falamos da relação professor-aluno, alguns outros pontos são importantes de serem considerados, dentre eles, a importância de se conhecer os alunos, como forma de se estabelecer relacionamentos interpessoais mais centrados na turma específica com a qual o docente trabalhará. Tal procedimento enfatiza o papel incentivador que deve ser assumido pelo professor.

O modo de agir do professor em sala de aula, mais do que suas características de personalidade colabora para uma adequada aprendizagem dos alunos; fundamenta-se numa determinada concepção do papel do professor, que por sua vez reflete valores e padrões da sociedade.

Ao referirmos ao estudante adolescente, essa discussão torna-se um pouco mais necessária, por ser essa fase marcada por mudanças físicas e emocionais desse estudante.

Em “O Mestre possível de adolescentes”(2003), a autora Beatriz Gutierrez ,faz uma investigação na linha psicanalítica sobre as relações entre o aluno adolescente e seu professor, através dos aspectos da transferência. Ela diz que há relatos de professores de adolescentes em que são frequentes as posturas de questionamento do professor e afronta a ele, assim como manifestações afetivas e comportamentais extremas, muitas vezes incompreensíveis, atravessando essa relação. Isso nos faz pensar que existem algumas especificidades de transferência estabelecida por um sujeito quando ele se encontra no período da adolescência.

Segundo Gutierrez,(2003) o termo transferência nos remete à ideia de deslocamento, ou seja, de levar algo de um lugar para outro, e, ainda uma ideia de repetição ,relacionadas às vivências infantis atualizadas nas relações humanas. Ela considera que nas relações escolares está em jogo a transferência.

O aluno recortará, despedaçará as palavras e o conteúdo transmitido pelo professor a partir de suas “placas estereotípicas”, dentro do que permite o jogo da linguagem. Da mesma forma acontecerá do lado do professor. Ele recortará o discurso do seu aluno conforme suas marcas subjetivas e de acordo com as representações que possui sobre o que é um aluno e qual o lugar do professor, estabelecidas no decorrer de suas relações.(GUTIERRA,2003,p.80-81).

A abordagem de transferência apresentada é relevante porque retrata a presença da subjetividade e a dinâmica inconsciente na relação educativa tanto para o aluno quanto para o professor. A autora aponta ainda outro aspecto da transferência essencial para que ocorra a aprendizagem : a transferência de expectativas e ideais, ou seja, a colocação do professor no lugar de Ideal-do-Eu. “*O professor é colocado no lugar de modelo, representando a figura paterna e carregando em si o lugar de Ideal-do-Eu*”.

Segundo o Vocabulário de Psicanálise, de Laplanche e Pontalis (1998,P.222 *apud* GUTIERRA 2003) O Ideal-do-Eu é uma instância da personalidade, uma subestrutura do superego, comportando a sua função de ideal. É resultante da convergência do narcisismo e das identificações com os pais ,com seus substitutos e ideais coletivos. O Idea-do-Eu constitui um modelo ao qual o sujeito procura acomodar-se.

A transferência é abordada sob uma ótica não apenas afetiva, mas também da repetição de estereótipos. Trata-se de uma *transferência de poder, pois é fruto da eleição de alguém que fica numa posição de destinatário do discurso, um lugar especial* (Kupfer,1982,*apud* Gutierrez 2003). Lacan, afirma que “a função de quem ensina é da ordem de um papel, do lugar a sustentar, que é um certo lugar de prestígio.” (1969b,p.40 *apud* Gutierrez 2003).

Podemos dizer então que aprender implica na existência de um Outro num lugar diferenciado, para quem o aluno remete seu discurso e a respeito de quem supõe possuir um saber diferenciado.

Segundo Freud (1914,*apud* GUTIERRA 2003), o professor pode ser considerado como ideal, o “protótipo do adulto”, como símbolo da entrada na vida adulta e da concretização das ilusões que prenunciam objetivos na adolescência. Por outro lado, ele pode estar no lugar de “traidor”, apresentando-se falho aos olhos daquele que na fase infantil supunha o pai como ideal e agora, na puberdade, torna-se alvo de críticas, discórdias e desafios, complicando o processo transferencial na aprendizagem. Ele aponta ainda que a repressão do professor constitui um complicador que o impedirá de assumir essa posição de um substituto benevolente da figura paterna... A subjetividade do professor aparece, então facilitando ou comprometendo a relação educativa com o adolescente.

Para concluir essa discussão podemos dizer que numa abordagem psicanalítica o “bom professor” não é aquele que possui competências instrumentais que possam ser usadas para seduzir ou calar as emergências dos aspectos relacionais, assegurando-o da técnica para evitar as rupturas. O professor não tentaria imprimir seus ideais nos alunos na posição de “todo saber”. Trata-se de suportar o lugar de objeto da relação com o aluno-objeto de crenças, valores, fantasias, identificações e idealizações-causando nele um constante reposicionamento subjetivo, movendo seu desejo de saber. É um compromisso de suportar esse lugar, acionando o desejo de saber do aluno. (PEREIRA:1998 *apud* GUTIERRA 2003).

2.3 Comunicação e Diálogo

A comunicação certamente está entre os mais relevantes fatores para o sucesso de qualquer relação. Trata-se de um processo verbal ou não verbal, por meio da qual uma pessoa expressa suas concepções e sensações. Sendo assim, para que obtenhamos êxito num processo de comunicação e o mesmo se torne eficaz, é preciso interação entre as partes, afinal, comunicar é compartilhar.

Um elemento fundamental constituinte da comunicação é a linguagem. Ela está presente em todas as esferas de qualquer relação. A comunicação humana é um processo que envolve a troca de informações, e utiliza os sistemas simbólicos como suporte para este fim. Estão envolvidos neste processo uma infinidade de maneiras de se comunicar: a fala, os gestos, mensagens enviadas através das redes de telecomunicações, a escrita, a conversa face a face, que permitem interagir com as outras pessoas e efetuar algum tipo de troca.

Dentre as diversificadas formas de comunicação, o uso da palavra é o recurso mais utilizado pelos educadores em suas aulas. Através do uso da palavra espera-se que haja o compartilhamento de ideias, a integração e a promoção de um ambiente agradável e adequado para a aprendizagem de qualquer natureza.

Segundo Gadotti (1975:49)

É pela palavra que o homem vem ao mundo e a si próprio, e esta palavra que o singulariza entre todos os seres vivos, faz dele um ser de expressão, de dependência no mais íntimo de si, do assentimento ou da desaprovação de outrem.

A palavra determina o objeto em função de seu conjunto, ou antes, resume o mundo que tenho ao redor em função da minha decisão. Ela transforma o mundo em um projeto. A consciência fechada em si pela palavra abre-se ao mundo, revelando este mundo ao homem, e ,ao mesmo tempo, revelando o homem ao mundo.(ipid)

Quando falamos da comunicação no espaço escolar, percebemos que educadores e educandos apresentam acentuada necessidade de falar. O tempo destinado às falas espontâneas é restrito. Percebemos essa necessidade ao observarmos os estudantes durante os intervalos, nas atividades externas, quando encontram com um educador pelo corredor da escola, nas salas de aula, quando tentam de alguma forma desviar o assunto que está sendo trabalhado ou a própria participação na aula. Com educadores isso não é diferente. Basta observar quando eles reúnem-se no horário do recreio, intervalo, cursos ou antes do início e no término das aulas. A necessidade da fala é grande e geralmente o tempo disponível para tal é insuficiente. Nota-se também que a fala do professor está acompanhada de um sentimento de angústia em relação à educação em geral, e é raro vê-los conversando sobre outro assunto que não seja suas vivências escolares.

Os diálogos entre professores e alunos dão-se geralmente sobre questões escolares, sendo estabelecida uma espécie de “barreira” difícil de ser transposta por ambos. A justificativa para tal dificuldade está relacionada basicamente pela falta de espaço de tempo para tal segundo os educadores. O aluno por sua vez diz que a escola não o ouve porque não considera importante o que ele diz e que ele está sempre errado. Esse último posicionamento refere-se principalmente a momentos em que o aluno é “acusado” de indisciplina ou similar.

Gadotti (1975) dizia que *“falamos para nos fazer entender e para chegar ao outro. Toda palavra é intencional”*.

Freire dizia que diálogo é mais que um encontro entre sujeitos que buscam o saber, mas sim um encontro que se realiza na ação. Para ele dialogar não é trocar ideias, e o diálogo que não leva à organização popular é puro verbalismo.

O diálogo não é só um encontro de dois sujeitos que buscam a significação das coisas (o saber), mas um encontro que se realiza na práxis, no engajamento, no compromisso social. Dialogar não é trocar ideias. O diálogo que não leva à organização das massas populares, que não leva ao fortalecimento dos oprimidos, é puro verbalismo

Diante das abordagens dos autores é importante salientar que a comunicação realizada na escola necessita de uma reformulação através do entendimento dos envolvidos para tornar-se uma prática eficaz e constante.

3. PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

A proposta de intervenção aqui apresentada objetiva possibilitar melhor análise das questões anteriormente apontadas e constitui-se em criar um canal de comunicação entre docentes e estudantes, estabelecendo assim, uma rotina de diálogo onde questões de diferentes aspectos possam ser discutidas.

Sabendo-se que a escola é um espaço riquíssimo em diversidade, é natural que os conflitos permeiem tal relação. Comumente percebemos a dificuldade de estabelecer condições onde as partes possam ser ouvidas. A proposta de criação desse espaço não visa desconsiderar hierarquias ou provocar enfrentamento entre docentes e discentes como forma de disputa ou apontamentos de quem está “certo ou errado”. A necessidade de diálogo e entendimento é fundamental para a efetivação de um trabalho mais coerente e menos árduo. Dessa forma, oportunizar que estudantes e docentes possam manifestar-se, é uma maneira de fazer com que todos sintam-se responsáveis pelo processo educativo, não culpando quaisquer pelos fracassos ou insucessos no decorrer do processo ou por todos os problemas da escola.

Não é prática comum observarmos docentes e discentes conversarem sobre questões rotineiras que muitas vezes inviabilizam o trabalho e a convivência em sala de aula. Enquanto professores, muitas vezes adotamos práticas de certa forma arbitrárias e generalizamos atitudes que nos conduzem a um afastamento cada vez maior de nossos alunos. Alguns estudantes por sua vez, muitas vezes optam em apoiar-se numa situação de vítimas, como se toda responsabilidade pelos problemas no decorrer da aula fosse inteiramente do professor, pelo método que ele utiliza ou porque ele não tem domínio da classe.

Ao propor esse plano, espera-se a princípio que educadores e alunos entendam-no como necessário. A proposta de criação de um espaço de comunicação deve ser entendida como uma tentativa de amenizar os conflitos existentes na escola nesse segmento, pautada no respeito e responsabilização de todos no processo educativo.

A Escola Municipal Eloy Heraldo Lima conta com 11 turmas de 3º ciclo, sendo 4 de 7º ano, 4 de 8º ano e 3 de 9º ano, totalizando o número de 352 alunos. Com as turmas citadas trabalham 17 professores, sendo 9 em cada uma delas e uma coordenação pedagógica. O trabalho constitui-se de uma pesquisa qualitativa, com a realização de entrevistas e conversas informais com todos os professores envolvidos e inicialmente com uma turma de cada ano do ciclo. Após o contato com as turmas, a proposta será de dar sequência com encontros com os representantes de turma, no caso 11 estudantes.

O interesse em desenvolver tal proposta surgiu das observações realizadas das falas dos professores, que constantemente queixavam-se do desinteresse demonstrado pelos alunos, do número excessivo de ocorrências disciplinares registradas pela coordenação, da dificuldade em desenvolver projetos que extrapolassem a sala de aula e da alegação dos estudantes de nunca serem

ouvidos e sempre serem considerados “culpados” pelos problemas na sala de aula.

Diante do quadro conflituoso apresentado, propõem-se a criação de uma canal mediado de comunicação entre docentes e discentes, pautado em discussões sobre o cotidiano escolar, inicialmente realizado com os representantes de turma, coordenação pedagógica, professores interessados no projeto e direção.

3.1 O que dizem os educadores

Para iniciar qualquer ação, o primeiro passo foi ouvir educadores e estudantes sobre suas dificuldades e questionamentos.

A abordagem aos educadores ocorreu através de uma conversa informal, de entrevista e de um pequeno questionário (em anexo), o mesmo utilizado na entrevista.

Durante as conversas e entrevistas percebe-se uma diferença de como cada educador vê o seu aluno. Quando indagados sobre como caracterizam esse estudante obtemos respostas que se referem ao aluno como adolescente, rebelde, indisciplinado, sem perspectiva de futuro, sem motivação, sem limites, agressivo com os colegas e adultos, sem acompanhamento familiar, que procuram a escola apenas para socializar-se. Em contrapartida, obtivemos respostas que destacam que embora a adolescência seja uma fase “difícil”, os alunos são vistos como pessoas que procuram uma forma de se posicionar no mundo, marcar sua identidade, curiosos, que estão em busca de algo que ainda não sabem o que é, que estão passando por transformações profundas diante de uma sociedade muito discrepante, contestadores, provocadores, que sofrem muita influência nessa fase de construção do próprio ser, e que diante da diversidade dessa etapa educacional é necessário não se ater a estereótipos sobre esses estudantes.

Outra questão colocada aos professores referia-se à descrição de como é a relação dele com esse estudante que ele caracterizou. As respostas apontaram para uma relação marcada pelo conflito, pelas relações de poder, mas sempre pautadas no respeito mútuo, amizade, diálogo, negociação, compreensão, rigidez, e a importância de se estabelecer laços afetivos para se conseguir disciplina e aprendizado. Apontam que quando os alunos passam a conhecer melhor seus professores a relação fica mais tranquila, e ainda que é uma relação intermediada pelo conhecimento, que tem por finalidade contribuir para a construção desse conhecimento.

Por último, foi solicitado aos professores que apontassem as maiores dificuldades encontradas para o desenvolvimento do seu trabalho. Eles indicam a questão da falta de valores e limites dos jovens, o não entendimento da hierarquia, o desgaste diário com o desinteresse dos alunos, a transferência das responsabilidades das famílias para a escola refletindo no não acompanhamento desse estudante, a indisciplina e a busca de metodologias adequadas de ensino para motivá-los.

3.2 O que dizem os estudantes

Para desenvolver o trabalho com estudantes foi realizada conversas no interior das salas de aula e em pequenos grupos quando encontravam-se fora da sala , geralmente por atos indisciplinados cometidos. A conversa constituía de duas questões como iniciativa do diálogo. Inicialmente os alunos respondiam o que os motiva a estudar e em seguida como eles caracterizam o bom professor.

As respostas ao primeiro questionamento apresentaram variação, onde eles responderam que vão à escola porque a família os obriga, outros porque querem adquirir conhecimento, que é necessário para se ter uma profissão, para encontrar os amigos, para merendar, “para ver as meninas”, para aprender.

Quando indagados sobre as características do bom professor, percebe-se uma dificuldade por parte deles em separar as características da pessoa, e estabelecem uma espécie de “ranqueamento” dos professores da escola. Para que a atividade não se perca, o questionamento é reformulado e pede-se que eles descrevam “o que tem” esse professor que eles indicam como o melhor. Seus apontamentos revelam quase uma unanimidade que o “professor bom é aquele que ensina”, “chega, põe moral na sala e dá aula”. Apontam também o fato de serem respeitados e serem ouvidos. Caracterizam como “professor completo” aquele que tem facilidade em fazê-los entender a matéria, explica quantas vezes for necessário, que os trata com respeito e ao mesmo tempo é rígido. Apontam poucos professores nessa “categoria”.

3.3 Após os “dizeres”

Diante das questões apontadas por professores e alunos, tornou-se necessária a investigação de outros aspectos, não como forma de contrapor o que foi dito, mas como forma de visualizar as impressões ou certezas que cada grupo manifesta. Portanto, outros momentos foram realizados com os estudantes através de uma pesquisa quantitativa, cujos resultados estão apresentados nos quadros em anexo.

Ao analisarmos as respostas, é possível perceber que há uma discrepância entre o que se pensa e o que se faz na escola. Parte dos educadores não consegue ver no aluno o interesse pelo ensino, pelo saber que é produzido e reproduzido na escola e acaba generalizando esses estudantes. Pouco conhecem deste estudante. Os alunos por sua vez não conseguem fazer com que os professores percebam suas intenções na escola, refletidas principalmente nos baixos conceitos obtidos e o comportamento que apresentam durante as aulas. Para eles, o papel do professor constitui-se principalmente em cumprir sua função de ensinar (e fazê-lo aprender).

Conseguir explicitar elementos que justifiquem tal diferença é difícil. Estamos nos referindo a gerações distintas numa sociedade cada vez mais diversificada e desprovida dos valores constituintes da formação desses profissionais. Provavelmente a comunicação pensada para discutir tais diferenças não será o bastante para modificar tal espaço uma vez que estamos falando de posturas e comportamentos. Porém é necessário uma iniciativa que estimule reflexões e quem sabe seja o estímulo para diferentes ações.

4. A AÇÃO

Para constituição do espaço de comunicação pensado, foi proposto inicialmente aos professores a escuta dos relatos dos estudantes e a possibilidade de que tais relatos, assim como outros temas de interesse, fossem feitos pelos diretamente envolvidos no processo.

Num momento de reunião pedagógica foi apresentada ao grupo a proposta de criação de momentos para encontros dos professores com os estudantes representantes de turma. Nesses encontros os alunos fariam uma exposição de questões que gostariam de conversar com seus educadores e os professores por sua vez buscariam formas de atender aos questionamentos, e também poderiam implicar questões aos estudantes. Os representantes de turma por sua vez, deveriam trazer para o encontro as demandas dos colegas. Os temas são livres e caberá ao professor, junto à coordenação e direção direcionar a continuidade da atividade.

Na apresentação da proposta aos educadores o grupo apresentou-se dividido quanto à participação. Ficou então definido que só participariam professores cuja aceitação fosse espontânea e que os encontros deveriam ocorrer no horário de projeto do mesmo. Com esse novo encaminhamento, reduziu-se bastante a participação dos professores, uma vez que os horários em comum dos mesmos limita-se no máximo a um grupo de três professores por horário.

Com os estudantes representantes de turma a conversa ocorreu de forma tranquila, não havendo nenhuma resistência por parte deles quanto à participação. Interessante no entanto foi perceber que as demandas por eles apresentadas não correspondiam às expectativas iniciais. Eles queriam sim conversar, mas não necessariamente com os professores e tampouco sobre as questões da escola. A necessidade da fala apresentava-se emergente e foi possível perceber que eles queriam conversar sobre a vida, abordar questões que não tinham liberdade de discutir com suas famílias, queriam falar sobre relacionamentos, sobre paixões, amor, sexo, família, amigos e o contexto escola só aparece como cenário para essas discussões. Demandavam um adulto que pudessem atender suas expectativas, responder suas dúvidas. Buscavam orientação.

Diante do novo quadro apresentado, tornou-se necessário repensar a proposta e ela tornou-se uma ação não mais de contemplação a um pequeno grupo. Os professores interessados juntamente com a coordenação e direção organizaram novas formas de proporcionar tempos de discussão sobre assuntos que os estudantes demandassem. Para execução dessa nova proposta quatro professores se organizaram e planejaram momentos de encontros quinzenais, onde meninos e meninas separadamente poderiam conversar sobre suas questões. O trabalho seria realizado com duas turmas por dia, com encontros de 01 hora de duração, sendo dois professores responsáveis por cada grupo. Outro momento proposto foi o de sessões de “cinema” comentado, com filmes que abordassem a questão dos relacionamentos adolescentes, resgate de auto-estima, incentivo a novas ideias, organizações de jovens e afins. Após cada exibição de filme seria

disponibilizado um espaço para questionamentos, opiniões, debates, relatos. O professor intermediaria essa conversa.

As ações promovidas abaixo descritas foram desenvolvidas com estudantes das turmas de 7º ano, com idade entre 13 e 14 anos, que segundo os professores se apresentam imaturos e curiosos. Também correspondem às turmas com maiores problemas disciplinares.

1º Encontro com meninas:

Responsáveis: Professora de Língua Portuguesa e de Artes

A proposta foi de trabalhar a dinâmica do barbante que constituía de ... As meninas mostraram-se tímidas inicialmente, mas bastou que uma tivesse coragem de se manifestar para que as demais também o fizessem. Muitas falaram de suas angústias em relação aos amores e paixões não correspondidos, outras sobre a pressão que sofrem por seus namorados e “ficantes” para manterem relações sexuais, outras abordaram as questões familiares, como se sentem excluídas, “invisíveis” dentro de casa. A emoção “invadiu” o espaço, inclusive das professoras que não suportaram o sofrimento relatado pelas alunas e não conseguiram conter as lágrimas, assim como suas alunas.

A percepção da emergência de outros encontros fez com que um cronograma fosse criado e desta vez as conversas girariam em torno de temas apontados pelas estudantes. Foram eles:

- Amor e sexo
- O que devo conversar e como conversar com minha mãe
- Gravidez
- Por que eu sou assim?
- O que os meninos pensam de nós

1º Encontro com meninos:

Responsável : Professora de Ciências

A proposta foi realizar a “rodada de perguntas”, onde os meninos pudessem escrever suas indagações sobre qualquer assunto. As perguntas eram depositadas numa caixa e após todos escreverem, a mesma circularia no grupo enquanto a música tocasse. Assim que a música fosse pausada a pessoa cuja caixa estivesse em mãos faria a leitura da pergunta. Caso o mesmo quisesse respondê-la poderia fazê-lo, caso contrário qualquer um o poderia. No entanto, as perguntas foram respondidas basicamente pela professora. As perguntas realizadas eram predominantemente sobre relação sexual, masturbação, ejaculação, doenças sexualmente transmissíveis, o que as meninas querem deles, como fazer para “pegar” uma menina.

Ao observar a “rodada de perguntas”, percebemos à princípio certa timidez por parte dos meninos, risos inicialmente contidos e por parte de outros muita

algazarra. No decorrer do bate-papo eles mostraram-se mais à vontade e participaram efetivamente da proposta com opiniões e questionamentos enriquecendo bastante a atividade.

Após o término das questões, solicitamos que eles fizessem uma avaliação da atividade, o que sentiram, se gostaram ou não, se foi útil. Eles responderam que foi esclarecedor e que tinham vergonha de falar “dessas coisas”, principalmente com mulheres. No intervalo da aula eles comentavam com outros meninos: “Estamos tendo aula de sexologia. A professora é igual Psicóloga”.

1ª Sessão comentada de cinema

Responsável: Professor de Língua Estrangeira

Filme exibido: Escritores da Liberdade

O filme faz uma abordagem sobre os estudantes da periferia, a violência, os conflitos familiares, o preconceito e o resgate da auto-estima. Sinopse em anexo.

O professor que desenvolveu a atividade disse ter sido a primeira vez no ano que todos os alunos conseguiram permanecer o tempo todo na sala totalmente interessados e envolvidos com um filme. Após a exibição percebemos nos comentários feitos pelos alunos uma identificação com os personagens e situações expostas no mesmo. Os estudantes falaram do preconceito, da exclusão dos grupos, da violência, das perdas familiares e de amigos por violência e pelo tráfico e alguns disseram que é “difícil um adulto acreditar tanto neles” como a professora faz no filme.

Durante o bate-papo o professor realizou intervenções tentando contextualizar situações, solicitando que eles descrevessem como agiriam em situações similares vividas pelos personagens e que eles dissessem o que sentiram durante algumas cenas do filme. Sentimentos como raiva, tristeza, pena, ódio, alegria, euforia alternaram-se em algumas vezes sobre um mesmo ponto.

No decorrer das discussões não era possível caracterizar aquele grupo como imaturo. Suas colocações eram carregada de saberes, muitas vezes ignorados pelo mundo dos adultos. Falavam de suas vivências. Vivências essas que a ainda não constam no “currículo da escola”.

Outros encontros estão agendados. A proposta de encontros quinzenais não foi possibilitada em decorrência do calendário de avaliações e de outras atividades demandadas pela escola. Até o término deste trabalho não ocorreram outros encontros.

5.CONCLUSÃO

Falar do 3ª ciclo ainda constitui uma dificuldade. Na realidade referir-se aos estudantes e professores de forma generalizada não constitui uma boa prática.

No decorrer do trabalho é possível perceber que muitas das nossas falhas enquanto educadores estão relacionadas à forma generalizada com que tratamos os estudantes e seus questionamentos. Falta tempo para melhor conhecê-los, ouvi-los e tentar entendê-los.

Percebemos que mesmo estando diariamente com esse estudante adolescente, reproduzimos as impressões e conceitos que a sociedade tem deles e por muitas vezes ignoramos seus saberes e suas vivências. O adolescente nos apresenta como um ser em busca de sua identidade, que almeja encontrar seu espaço numa sociedade que o rotula como rebelde, sem perspectiva e desprovido de valores. É fato também que nesse processo de busca do seu espaço, ele utilize de formas socialmente não aceitáveis. Daí a necessidade do diálogo e da orientação que eles buscam no adulto.

Retomando aos questionamentos iniciais: *Quem são os estudantes do 3º ciclo?* Podemos afirmar que os estudantes do 3º ciclo da E M Eloy Heraldo Lima, são meninos e meninas entre 12 e 16 anos, que gostam de estar na escola, veem nela um espaço para fazer e cultivar amizades, adquirir o conhecimento necessário para que tenham um futuro especial, imersos em dúvidas e questionamentos, com grande necessidade de fala, cheios de ideias e ideais, alegres, curiosos, criativos, que sofrem em casa, angustiados, que choram e brigam por aquilo que caracterizam como amor, que falam muito, falam alto e ao mesmo tempo, agitados (cheios de energia) e atualizados. E *quem é o professor que consegue “atingir” esse estudante?* É aquele que está aberto ao diálogo, à escuta, que os trata com respeito e de acordo com a idade que eles tem. Aquele que dá aula com propriedade e autoridade, é paciente e os faz compreender a matéria. É aquele que consegue vê-los como pessoas individuais.

A proposta da criação do espaço de comunicação não constitui um fim em si. Ela representa uma tentativa de aproximar esse mundo paralelo e distante que criamos dentro da escola. É necessário ampliar as formas de atenuar os problemas da escola e em conjunto torná-la menos excludente, e mais próxima da realidade dos nossos estudantes.

As ações efetivadas muito contribuíram para a reflexão sobre nossas práticas e nosso papel enquanto educadores. Ainda é um número pequeno de educadores dispostos a realizar esse tipo de intervenção, mas é importante ressaltar que os dispostos já estão fazendo muita diferença na vida dos estudantes e certamente em suas vidas também.

6.REFERÊNCIAS

ADOLESCÊNCIA. In: FERREIRA, A.B.H. *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Curitiba: Positivo, 2009. p. 54

ADOLESCÊNCIA. In: HOUAISS. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012. p.17 .

BARROS, J. *Adolescência*, 2009. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/educacao>>. Acesso em: 14 jun.2012

CALLIGARIS, C. Adolescência e seus desafios no mundo moderno. *Folha Online*, São Paulo, 20 out.2009. Disponível em <<http://www.folha.uol.com.br>>. Acesso em: 02 jul.2012

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura).

GADOTTI, M. *Comunicação Docente*. 3.ed. São Paulo: Loyola, 1975.

GUTIERRA, B.C.C. *Adolescência, psicanálise e educação - o mestre possível de adolescentes*. São Paulo: Avercamp, 2003.

JUVENTUDE. In: FERREIRA, A.B.H. *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Curitiba: Positivo, 2009. p.1166

JUVENTUDE. In: HOUAISS. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012. p. 462.

MARTINS, A.S.F. Relações Interpessoais: a importância do relacionamento professor aluno. *Anuário de Produção Acadêmica Docente*, Campinas, v. 3, p. 141-147, 2009.

PIAGET, J. *A equilibração das estruturas cognitivas: problema central do desenvolvimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

PUBERDADE. In: FERREIRA, A.B.H. *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Curitiba: Positivo, 2009. p. 1656.

PUBERDADE. In: HOUAISS. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012. p. 638.

SOUZA, P.M.L. *Desenvolvimento moral na adolescência*, 2006. Disponível em: <<http://www.psicologia.com.pt>>. Acesso em: 21 mar.2012

VIGOTSKI, L.S. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

ZANOTTI, S.V. *Os jovens e o agir: respostas ao mal-estar*. 2006. 170f. Tese (Doutorado em Psicologia). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

ANEXOS

Pesquisa quantitativa realizada com estudantes do 3º ciclo da Escola Municipal Eloy Heraldo Lima.

Total de participantes: 182 estudantes entre 12 e 15 anos.

GRÁFICO 1

Com quem residem

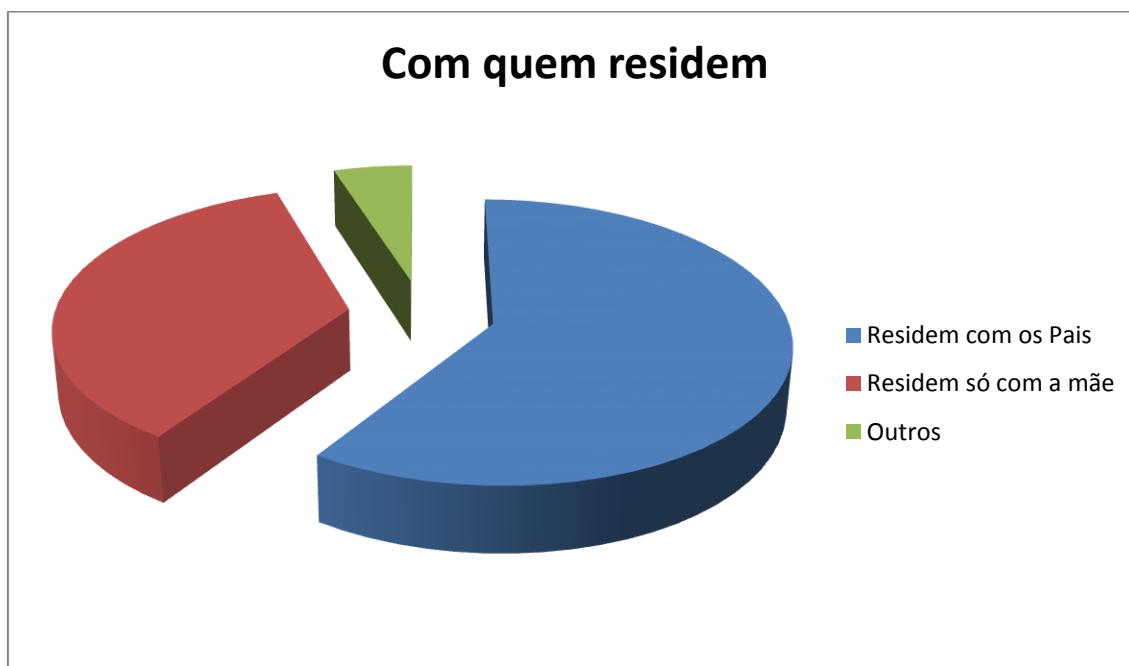
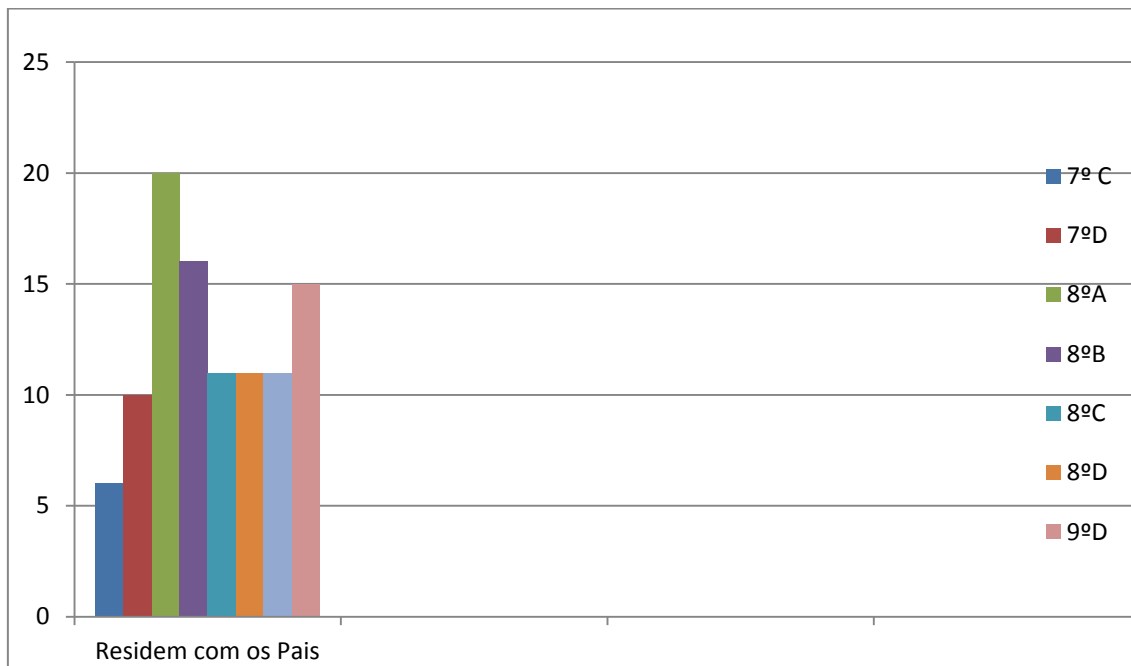


GRÁFICO 2

Famílias participantes da vida escolar

Considerou-se como participação as famílias que comparecem à escola, cujos responsáveis conversam com eles sobre conteúdos, atividades escolares, ou verificam os cadernos.

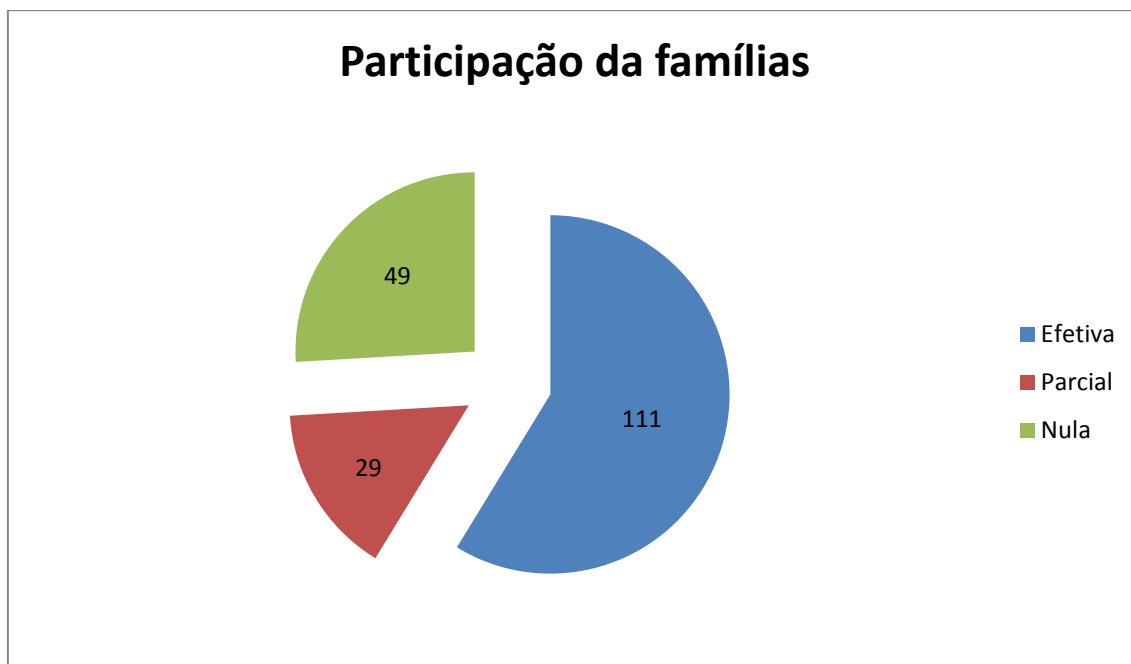
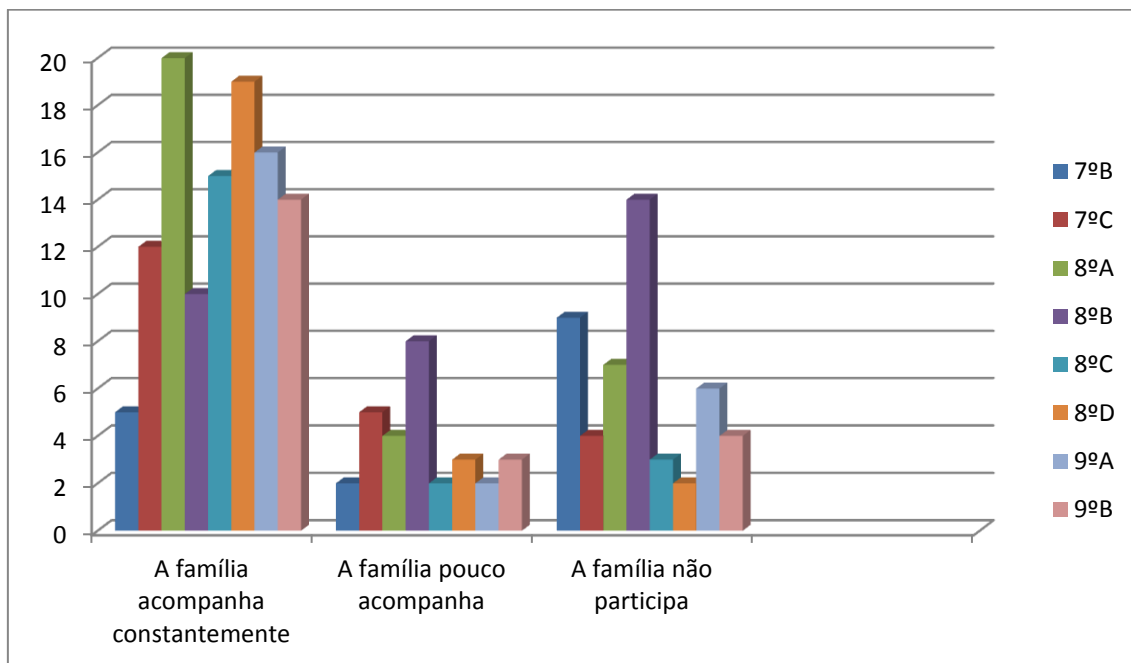


GRÁFICO 3

Utilidade do que é ensinado na escola

Esse questionamento referia-se à importância dedicada por eles ao que é ensinado na escola. Sua aplicabilidade no dia-a-dia, utilidade fora do espaço escolar.

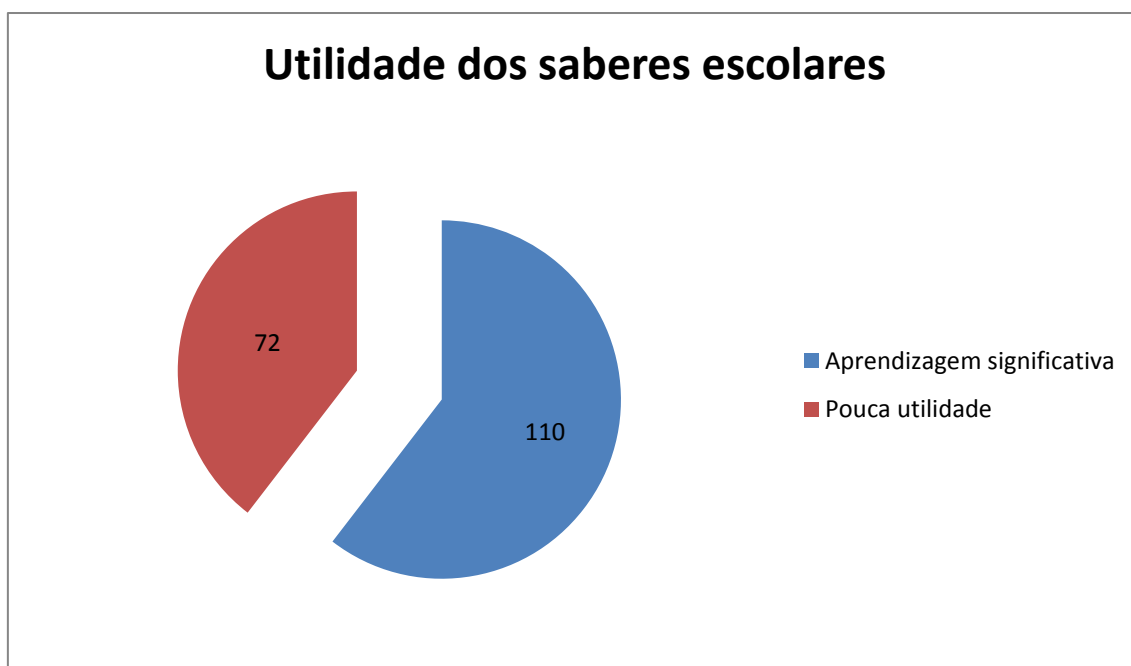
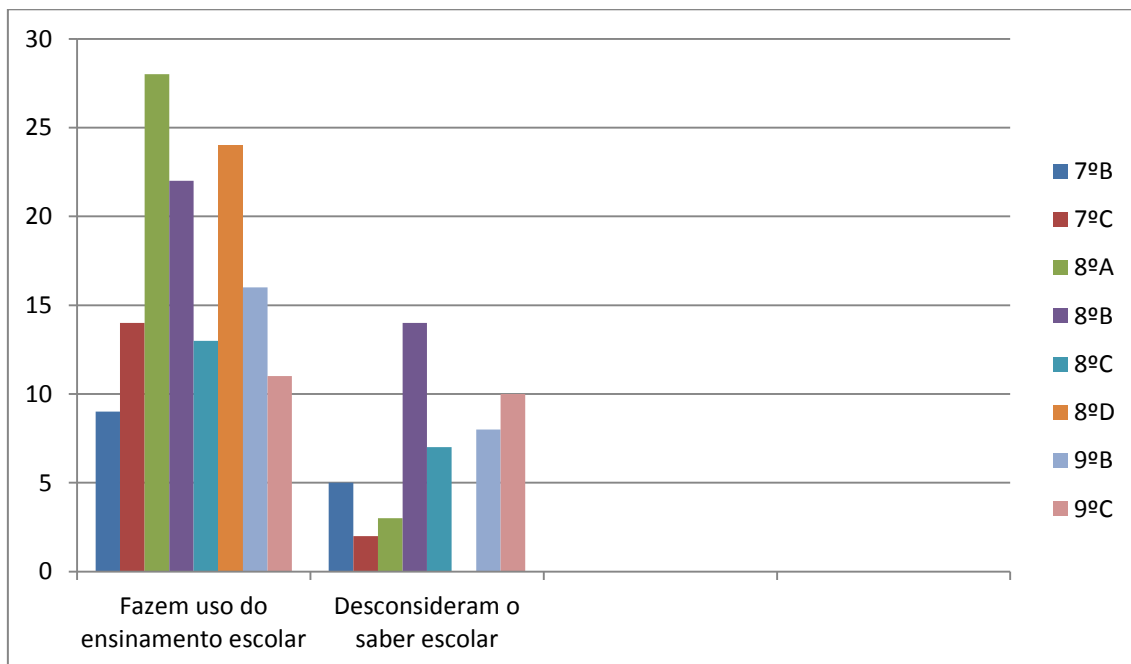
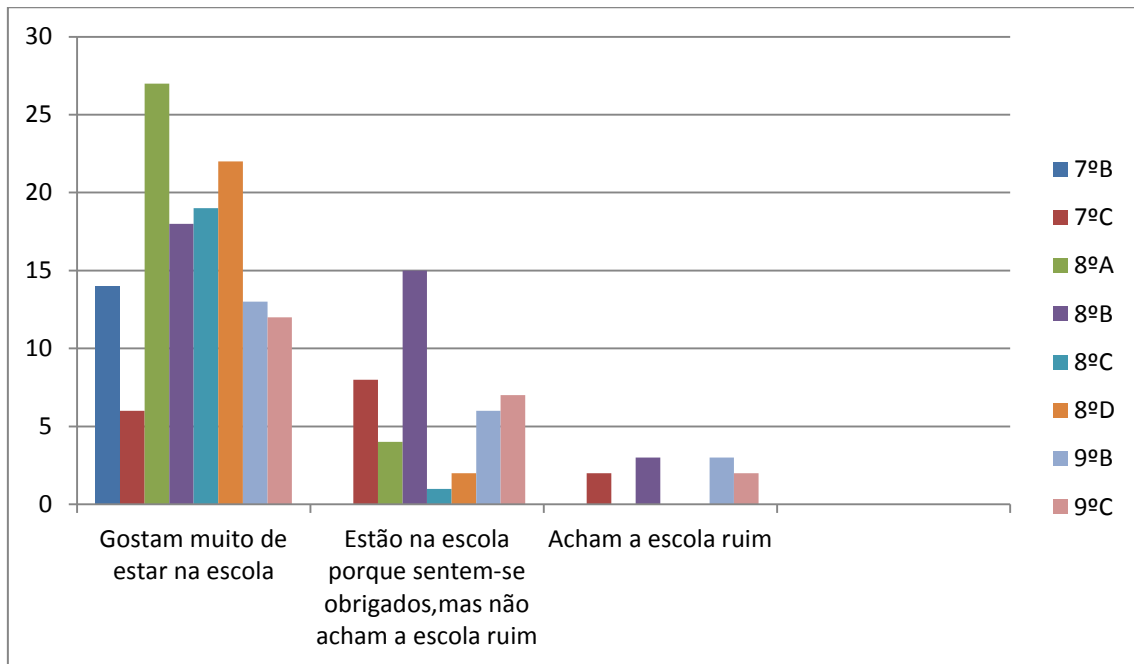


GRÁFICO 4

Gostam de estar na escola



Como se sentem na escola

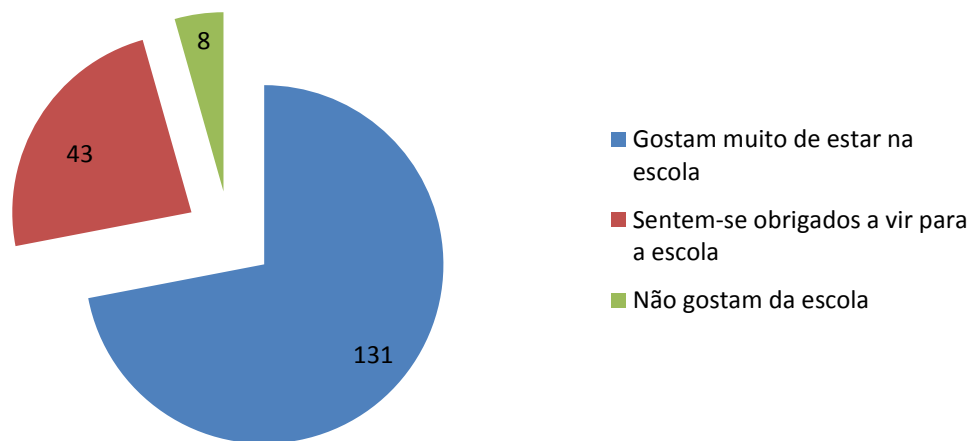
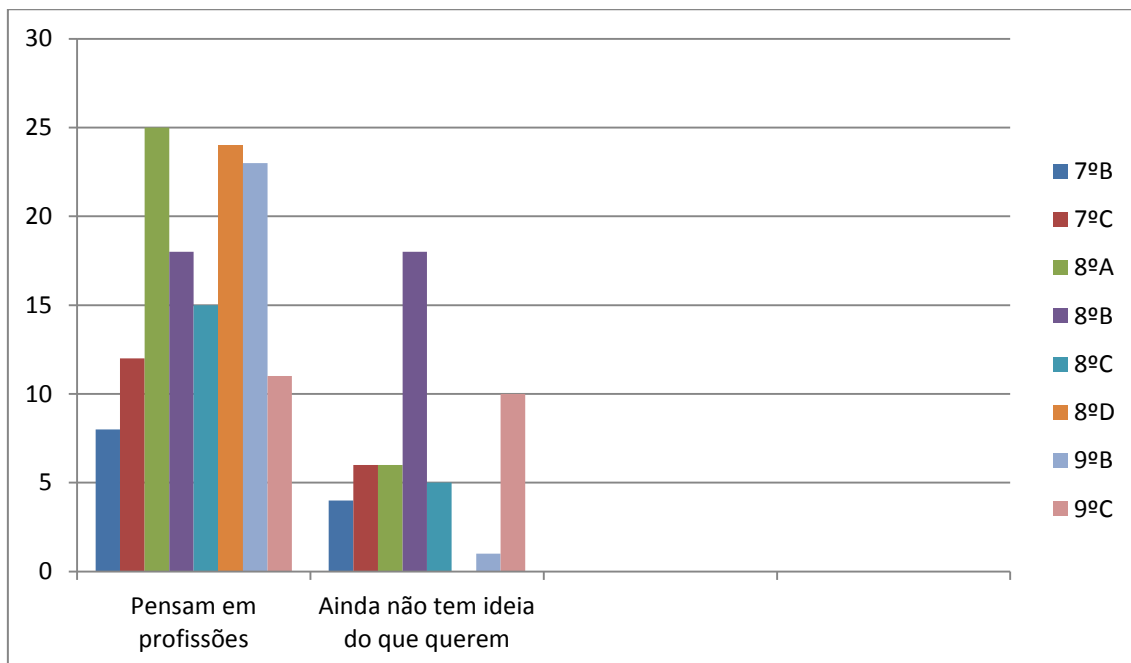
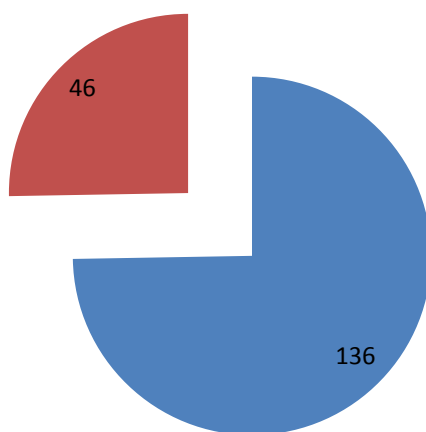


GRÁFICO 5

Perspectivas em relação ao futuro, apontando a escola como caminho



Perspectivas para o futuro



DINÂMICA DO BARBANTE OU DA “TEIA DE ARANHA”

Os participantes ficam em pé, formando um círculo. Entregar a um deles um novelo de barbante, e então este começa a apresentar suas características e seus sonhos. Após a apresentação, ele amarra a ponta do barbante no dedo e arremessa o rolo para outro colega, que também deverá expressar seus sonhos e características. Amarrará a linha no dedo e arremessará o novelo novamente. Esse processo se repete até que todos os presentes tenham apresentado seus ideais, e estejam interligados por uma espécie de “teia de aranha”. Ao final das apresentações o coordenador do grupo solicita aos presentes que comentem o que os colegas disseram, e o que sentiram em relação à “teia” que se formou com o barbante.

Sinopse do filme : ESCRITORES DA LIBERDADE

Escritores da liberdade é uma instigante história de garotos pobres, criados no meio de tiroteios e agressividade, e a professora que oferece o que eles mais precisam: uma voz própria. Quando vai parar numa escola corrompida pela violência e tensão racial, a professora Erin Gruwell combate um sistema deficiente, lutando para que a sala de aula faça a diferença na vida dos estudantes. Agora, contando suas próprias histórias, e ouvindo as dos outros, uma turma de adolescentes supostamente indomáveis vai descobrir o poder da tolerância, recuperar suas vidas desfeitas e mudar seu mundo.